

## Velhice, Luto e Psicanálise: Análise Fílmica a partir de Up! Altas Aventuras

Joyce Vitória Chaves<sup>1</sup> , Jéssica Paula da Cruz<sup>2</sup> , Julia Franco de Oliveira Souza<sup>3</sup> , Camila Esteves Cambaúva<sup>4</sup> , João Leonardo Corte<sup>5</sup>  e Ana Paula Medeiros<sup>6</sup> 

*Fundação Hermínio Ometto (FHO)*

**Resumo:** A velhice é uma fase singular que abrange indivíduos a partir dos 60 anos em países em desenvolvimento e dos 65 anos nos países desenvolvidos. Entretanto, entende-se que o envelhecimento vai além de critérios biológicos, sendo influenciado por fatores sociais e culturais. A visibilidade crescente das pessoas idosas destaca sua complexidade e a necessidade de reavaliar estigmas negativos. O cinema pode ajudar a explorar esses enredamentos, oferecendo compreensões psicanalíticas sobre o desenvolvimento e o luto nessa fase. Este trabalho analisa o filme “Up - Altas Aventuras” sob a ótica da psicanálise, focando no envelhecimento e luto, utilizando a observação do filme, identificação de temas emergentes e revisão de literatura para integrar teoria e prática. “Up - Altas Aventuras” narra a jornada de Carl Fredricksen, um viúvo idoso que, em meio à sua solidão e resistência às mudanças, decide honrar o sonho de sua falecida esposa, Ellie, de explorar o “Paraíso das Cachoeiras”. Enfrentando desafios e fazendo novas amizades pelo caminho, sua jornada demonstra a importância das redes de apoio para a elaboração do luto e o redirecionamento da energia psíquica para novos vínculos e atividades, promovendo um envelhecimento mais saudável e integrado. A análise do filme apresenta que, apesar dos estigmas negativos associados à velhice e às perdas, essa fase da vida pode ser um período de desenvolvimento e aprendizado. O trabalho enfatiza a necessidade de mais pesquisas para desmistificar estereótipos e explorar as potencialidades dos idosos.

**Palavras-chave:** velhice, psicanálise, cinema, envelhecer, luto

## Old Age, Mourning and Psychoanalysis: Film Analysis From Up!

**Abstract:** Aging is a unique phase that encompasses individuals from 60 years in developing countries and 65 years in developed countries. However, it is understood that aging goes beyond biological criteria, being influenced by social and cultural factors. The increasing visibility of older adults highlights their

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de graduação em Psicologia pela Fundação Hermínio Ometto, Araras, São Paulo, Brasil. *E-mail:* joycevit.chaves@gmail.com

<sup>2</sup> Aluna do curso de graduação em Psicologia pela Fundação Hermínio Ometto, Araras, São Paulo, Brasil. *E-mail:* jessicapauladacruz@gmail.com

<sup>3</sup> Aluna do curso de graduação em Psicologia pela Fundação Hermínio Ometto, Araras, São Paulo, Brasil. *E-mail:* souzajulia753@gmail.com

<sup>4</sup> Psicóloga graduada pelo Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto de Araras. Pós-graduanda em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pelo Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson, Araras, São Paulo, Brasil. *E-mail:* camila.cambauva@hotmail.com

<sup>5</sup> Aluno do curso de graduação em Psicologia pela Fundação Hermínio Ometto, Araras, São Paulo, Brasil. *E-mail:* joaoleonardocorte@gmail.com

<sup>6</sup> Psicóloga, mestre e doutoranda em psicologia pela Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *E-mail:* paulla\_medeiros@hotmail.com

complexity and the need to reassess negative stigmas. Cinema can help explore these entanglements, offering psychoanalytic understandings of development and grief in this phase. This paper analyzes the film “Up” from a psychoanalytic perspective, focusing on aging and grief, utilizing film observation, identification of emerging themes, and literature review to integrate theory and practice. “Up” narrates the journey of Carl Fredricksen, an elderly widower who, amid his loneliness and resistance to change, decides to honor the dream of his late wife, Ellie, to explore the “Paradise Falls.” Facing challenges and making new friendships along the way, his journey demonstrates the importance of support networks for processing grief and redirecting psychic energy towards new bonds and activities, promoting healthier and more integrated aging. The film analysis shows that, despite the negative stigmas associated with aging and loss, this phase of life can be a period of development and learning. The paper emphasizes the need for further research to demystify stereotypes and explore the potential of older adults.

**Keywords:** old age, psychoanalysis, cinema, growing old, mourning

## Introdução

“Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?”

Teus ombros suportam o mundo e ele não pesa mais que a mão de uma criança.”

— Carlos Drummond de Andrade,  
*Sentimento do mundo*

Segundo a definição da Organização Mundial da Saúde - OMS (2005), pessoas idosas são aquelas que atingiram a idade de 60 anos nos países em desenvolvimento e 65 anos nos países desenvolvidos. No entanto, o conceito de velhice transcende os meros critérios biológicos, adquirindo uma dimensão mais ampla e subjetiva. A experiência da velhice é fortemente influenciada pelo contexto social, econômico e cultural em que o indivíduo está inserido, resultando em uma vivência singular para cada pessoa, permeada por uma série de fatores.

Nos últimos anos, tem sido evidente um aumento na visibilidade dada à fase do envelhecimento, provocando uma profunda reflexão sobre o significado de “ser velho” na sociedade contemporânea (Castilho,

2012). Esse fenômeno não apenas coloca em destaque os desafios da pessoa idosa, mas também evidencia sua variabilidade de acordo com as circunstâncias individuais e sociais. Essa transformação de percepções e entendimentos coletivos sobre esse tema sugere uma dinâmica social em evolução, na qual as noções tradicionais estão sendo reavaliadas e reinterpretadas à luz das mudanças culturais e sociais em curso.

Seguindo essa reflexão, apesar do aumento da visibilidade e das dificuldades reconhecidas do processo de envelhecimento, ele ainda é frequentemente encarado de maneira negativa. Em muitas sociedades, especialmente no contexto ocidental, o processo de envelhecimento é visto como algo prejudicial e associado a estigmas sociais. Piletti, Rossato e Rossato (2014, p. 214) ressaltam essa visão ao afirmar que “A concepção de velhice [...] é em geral em volta por uma série de estigmas sociais, de concepções negativas, difundidas na sociedade, na história, na cultura, e subjetivadas pelo sujeito”. Essa perspectiva carregada de estigmas e concepções negativas alimenta uma visão de estagnação durante a velhice, impedindo muitas vezes a apreciação das riquezas e dos potenciais desse período da vida.

No contexto de uma sociedade que valoriza a juventude e a estética, a velhice frequentemente é vista apenas como um estágio de declínio, marcado por perdas e fragilidades. Por conta dessa visão, é comum que as pessoas idosas sejam negligenciadas ou até mesmo ignoradas em relação à sua contínua evolução e busca por sentido na vida. É importante reconhecer que pessoas mais velhas também estão em constante evolução em várias áreas da vida, como na busca por significado, entendimento e propósito (Piletti, Rossato & Rossato, 2014). A falta de reconhecimento adequado dessa evolução pode desencadear uma série de problemas emocionais e físicos, como angústia, desinteresse por atividades prazerosas, distúrbios do sono, depressão e sintomas físicos relacionados ao estresse emocional (Fochesatto, 2018).

É fundamental destacar que a experiência da velhice está intrinsecamente ligada a um processo de múltiplas perdas. Entre elas, destacam-se aquelas associadas às transformações físicas, decorrentes do envelhecimento do corpo e das alterações na

aparência. Além disso, a pessoa idosa enfrenta o desafio da aposentadoria e a subsequente mudança na rotina. A aposentadoria, por sua vez, constitui um período que expõe o indivíduo a diversas fragilidades, tais como o sentimento de incapacidade, dificuldades financeiras e redução da interação social, frequentemente distante da idealização de um período de lazer e de reconhecimento pelo trabalho dedicado ao longo da vida (Campos & Leão, 2021).

O momento da aposentadoria pode ser interpretado como o primeiro encontro do indivíduo com a velhice, uma fase que evoca uma gama de experiências variadas, podendo oscilar entre aspectos positivos e negativos, dependendo de uma série de fatores individuais. Uma outra situação que confronta o indivíduo com o seu próprio envelhecimento é quando ele enfrenta a perda de entes próximos (Piletti, Rossato & Rossato, 2014), o que desencadeia reflexões sobre a sua própria trajetória de vida e a finitude da existência.

Encarar o processo de luto é uma jornada complexa, permeada pelo sofrimento e influenciada por uma diversidade de elementos. O vínculo emocional com o falecido, o estado emocional da pessoa enlutada e sua resiliência são apenas alguns dos fatores que moldam essa experiência única para cada indivíduo. Todavia, é importante reconhecer que, em muitas ocasiões, os idosos enfrentam desafios adicionais ao lidar com o luto, pois podem encontrar um espaço limitado para expressar sua dor e sofrimento.

Esse fenômeno decorre, em parte, da expectativa social de que os idosos já adquiriram habilidades para lidar com as adversidades da vida, incluindo a superação da morte, e que devem encará-la com naturalidade. No entanto, essa visão pode desconsiderar a complexidade do processo de luto e as necessidades emocionais dos idosos, negando-lhes o apoio e a compreensão de que necessitam durante esse período difícil.

É fundamental ressaltar que o luto não se resume apenas à perda física de um ente querido. Embora essa seja uma forma comum de vivenciar o luto, o conceito se estende a qualquer tipo de perda significativa, como a perda de um relacionamento, de uma identidade ou de uma situação importante

na vida de alguém. Segundo Freud (1917/2010), ele é compreendido como a perda do objeto de amor ou de uma abstração na qual foi investida grande energia libidinal. Durante o processo de luto, a pessoa pode se afastar do mundo exterior e perder o interesse pelas atividades que costumava desfrutar. Isso faz parte do que Freud (1917/2010) chamou de “trabalho de luto”, um período de adaptação emocional no qual a pessoa processa a perda, reconstrói sua vida e reintegra seus sentimentos em relação ao objeto perdido. Outrossim, o trabalho de luto consiste em relembrar, criar e recriar da pessoa perdida, até que, por fim, consiga elaborar a realidade: que ela não está mais presente no mundo (Dunker, 2019).

Kehl (2009) aponta a resistência que o enlutado possui ao se desligar do objeto perdido, a partir da desorganização corporal desencadeada pela separação das pulsões eróticas que, até então, se ligavam a essa representação. Ainda na perspectiva da autora, a ordem imaginária também participa da dificuldade em desvencilhar-se do objeto perdido. Da mesma forma, Nasio (2010) define o ser amado, em que se deposita estima e investimento narcísico, a partir de um hibridismo constituído em instâncias externa e interna: enquanto ser que existe no mundo exterior, mas também, enquanto objeto fantasiado do inconsciente. Deste modo, a dor da perda não diz respeito à morte em si, e sim ao rompimento das fantasias antes ligadas à figura da pessoa amada.

A questão que se coloca é: para além dos estigmas associados à velhice, quais são os desafios enfrentados nessa etapa do desenvolvimento em relação à perda? Nesse contexto, este trabalho propõe uma reflexão sobre o processo de luto na terceira idade, explorando suas ramificações e os mecanismos de enfrentamento; fundamentando-se em uma abordagem psicanalítica. Além disso, busca-se ampliar a análise para enfatizar a importância de pesquisas direcionadas aos processos de luto vivenciados na velhice, a fim de aprofundar a compreensão das peculiaridades dessa etapa da vida, considerando que o desenvolvimento pessoal do idoso não se encerra nesse período.

O cinema, desde seu surgimento, tem sido uma das formas mais poderosas de arte, capaz de evocar uma ampla gama de emoções e experiências

nos espectadores. Essa capacidade de transmitir sensações e provocar reflexões profundas sobre a natureza humana o torna intimamente ligado à psicanálise. Ambos os campos compartilham a capacidade de reinventar e reinterpretar experiências e emoções. Assim como um filme pode ser interpretado de diferentes maneiras por diferentes espectadores, as experiências vividas por uma pessoa podem ser vistas sob diferentes perspectivas na análise psicanalítica (Catharin, Bocchi & Campos, 2017).

Portanto, o cinema, enquanto arte visual e narrativa, oferece um terreno fértil para a exploração e representação das complexidades psicológicas e emocionais dos personagens. Por meio da linguagem cinematográfica, é possível capturar nuances da psique humana, revelando conflitos internos, desejos reprimidos e mecanismos de defesa em uma interação íntima com o espectador. Catharin, Bocchi e Campos (2017) destacam as relações entre os conceitos freudianos de figurabilidade, que se refere à representação dos pensamentos em imagens visuais, e a identificação do espectador com os personagens.

Laplanche e Pontalis (2001) destacam que a teoria freudiana descreve o sujeito humano como sendo formado por meio de identificações. Isso significa que a personalidade de uma pessoa é moldada não apenas por suas próprias experiências e desejos, mas também pelas influências e modelos que ela adota ao longo da vida. Neste sentido, a escolha do filme para análise nesse estudo não apenas se justifica pela sua relevância temática, mas também pela sua capacidade de ilustrar e enriquecer os conceitos psicanalíticos discutidos.

Assim, para a análise do filme selecionado e sua relação com a psicanálise, é necessário explorar dois eixos centrais. Primeiramente, é importante investigar como o filme aborda a questão da velhice como um processo de desenvolvimento. Além disso, é crucial examinar os processos de luto presentes no filme, especialmente durante a velhice. O luto é um tema recorrente na psicanálise, e a forma como os personagens lidam com perdas, sejam elas perdas de entes queridos, de capacidades físicas ou de status social, pode oferecer *insights* valiosos sobre os mecanismos psíquicos envolvidos nesse processo.

Portanto, ao analisar o filme por meio desses dois eixos, é possível enriquecer nossa compreensão dos conceitos psicanalíticos em questão e sua aplicação à experiência humana representada na obra cinematográfica.

## Método

O presente trabalho se concentra na análise do filme “Up - altas aventuras” (Docter, 2009), empregando uma abordagem embasada na teoria psicanalítica e na temática do envelhecimento e do luto. Para atingir esse propósito, adotou-se o procedimento inicial de observação flutuante do filme, seguida pela identificação e discussão dos temas emergentes, bem como pela consulta a referências teóricas clássicas em livros e artigos científicos disponíveis em bases de dados como Scielo, Pepsic e Biblioteca Virtual em Saúde.

Para a construção desse trabalho, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: inicialmente, realizou-se a observação do filme em questão; em seguida, procedeu-se à análise em busca dos temas emergentes; posteriormente, foi realizada uma revisão de literatura, com o intuito de localizar livros clássicos e artigos científicos relevantes; por fim, os conteúdos teóricos identificados foram analisados e integrados à obra estudada. Cabe ressaltar que esse trabalho se baseou na análise de conteúdo conforme proposta por Bardin (2011), utilizando como fundamentação teórica a perspectiva psicanalítica para as interpretações realizadas.

A utilização do filme como elemento disparador nesse estudo desempenhou um papel fundamental ao servir não apenas como ponto de partida, mas também como ponto de chegada na investigação. Ele não só provocou a reflexão inicial, estimulando a emergência dos temas centrais, mas também proporcionou uma base sólida para a análise subsequente. Nesse sentido, o filme serviu como um elo entre a teoria acadêmica e a narrativa dos personagens, permitindo uma articulação significativa entre os conceitos abstratos e as experiências concretas representadas na obra cinematográfica. Assim, sua incorporação no estudo não apenas enriqueceu a compreensão dos

fenômenos em questão, mas também facilitou a síntese entre teoria e prática, promovendo uma análise mais profunda e abrangente.

O objetivo desse trabalho é analisar as interações entre a psicologia do desenvolvimento e processos de envelhecimento com a temática do luto, a partir da psicanálise. Pretende-se identificar quais estratégias foram utilizadas pelo personagem para a vivência do luto. Além disso, espera-se ressaltar a velhice como um período de desenvolvimento e, por fim, analisar as contribuições da psicanálise para esses temas.

## Resultados e Discussão

### Contextualizando o filme

“É de coração?  
Do fundo dele.”

—Up! Altas aventuras, *Disney/Pixar*

O filme “Up - Altas Aventuras”, uma animação lançada em 2009 e dirigida por Pete Docter e Bob Peterson, conta a história de Carl Fredricksen. Em sua infância, Carl tem um encontro memorável com Ellie, uma garota cheia de energia e paixão por aventuras, que compartilha seu amor pelo lendário explorador Charles Muntz. O romance entre Ellie e Carl floresce quando jovens e, após se casarem, eles conseguem trabalhar juntos em um zoológico, realizando o sonho de comprar a casa onde se conheceram.

Mesmo com o passar dos anos, Ellie e Carl continuam nutrindo seu relacionamento com encontros românticos regulares. Em uma dessas ocasiões, Ellie enfrenta um mal-estar e é levada ao hospital, onde descobrem que ela sofreu um aborto espontâneo. Apesar da dor e da perda devastadora, a cumplicidade e o amor entre Ellie e Carl permanecem inabaláveis, fortalecendo ainda mais o vínculo entre eles.

O filme acompanha a jornada do casal Ellie e Carl até o envelhecimento, com foco especial na trajetória de Carl após a morte de Ellie. Profundamente abalado pela perda, Carl se fecha emocionalmente, afasta-se das pessoas e encontra consolo em sua casa, que se torna seu último refúgio em meio ao crescente desenvolvimento urbano ao redor. Com o passar dos anos, sua residência se

destaca como um ponto solitário em meio a uma paisagem dominada por prédios, simbolizando sua solidão e sua resistência à mudança.

Como o terreno da casa de Carl é um dos poucos que uma construtora não conseguiu adquirir, frequentemente ele tem sua paz abalada por barulhos e movimentações das obras ao lado de sua casa. Em um momento de desespero e resistência, Carl acaba ferindo um operário que, acidentalmente, danifica sua caixa de correio, uma das primeiras lembranças que ele compartilhou com Ellie em sua casa. Esse incidente o leva aos tribunais, onde é sentenciado a deixar sua casa e ser enviado para um asilo.

Diante da iminente perda de sua casa e das preciosas memórias que ali estão encapsuladas, Carl se vê confrontado com uma escolha difícil: abandonar seu lar ou iniciar uma nova jornada. Com coragem e determinação, ele decide honrar o sonho compartilhado com Ellie de explorar o “Paraíso das Cachoeiras”, uma aventura que os dois planejaram por anos. Assim, Carl embarca em uma viagem emocional e física rumo à América do Sul, não apenas em busca de novas paisagens, mas também de um renascimento pessoal e espiritual.

Para realizar sua jornada, Carl tem uma ideia ousada: transformar sua casa em uma casa flutuante, utilizando centenas de balões de gás hélio, como meio de escapar das autoridades que ameaçam confiscar sua propriedade. Contudo, durante sua fuga, Russell, um jovem escoteiro de oito anos que precisa auxiliar um idoso para ganhar um distintivo de Explorador da Vida Selvagem Sênior, fica preso na varanda da casa. Encontrando-se já nas alturas, Carl percebe que precisa levar Russell consigo nessa jornada.

Ao chegarem ao “Paraíso das Cachoeiras”, Carl não consegue pousar onde desejava, comprometendo sua missão inicial. Agora, o objetivo é levar a casa, ainda flutuante com alguns balões restantes, até o topo da cachoeira. Contudo, a atenção de Russell é desviada ao avistar um pássaro exótico, batizado como “Kevin”, que logo captura sua curiosidade. Em sua jornada, eles também encontram um cachorro da raça Golden Retriever chamado “Dug”, cujo colar permite que ele se comunique utilizando palavras. Dug expressa o desejo de capturar Kevin e levá-lo ao seu “mestre”.

Entretanto, ao se depararem com o mestre de Dug, revela-se que ele é o aventureiro Charles Muntz, há muito considerado desaparecido. Inicialmente encantado com a figura lendária, Carl logo se vê horrorizado ao descobrir os verdadeiros planos de Muntz. Este pretende caçar, matar e expor Kevin para restaurar sua honra e glória, sem hesitar em sacrificar as vidas de Carl e Russell para alcançar seus objetivos desesperados. A admiração inicial de Carl transforma-se em repulsa diante da crueldade implacável de Muntz.

Após descobrirem os planos de Muntz, Carl e Russell se veem em uma corrida desesperada para fugir de Charles e salvar Kevin. Ainda assim, suas tentativas são em vão, pois Charles os persegue implacavelmente, finalmente conseguindo capturar Russell para usá-lo como isca para atrair Kevin. A situação se torna ainda mais desesperadora quando Charles começa a destruir os balões da casa de Carl, comprometendo seriamente sua capacidade de flutuar. Diante dessa ameaça iminente, Carl se vê diante de uma difícil escolha: sacrificar os preciosos e carregados símbolos de sua vida com Ellie, os quais compõem a essência de sua casa, para garantir a segurança de Russell e a chance de resgatar Kevin. Assim, com um coração pesado, o idoso Carl decide desfazer-se de cada item, cada lembrança, cada pedaço da história compartilhada com Ellie, para aliviar o peso da casa e permitir que ela voe novamente em direção ao resgate de Russell.

Ao considerar a análise do filme sob a perspectiva da psicanálise, optamos por explorar dois eixos centrais que se destacam: a representação da velhice como um processo de desenvolvimento e a abordagem dos processos de luto, especialmente durante essa fase da vida. O filme oferece uma rica oportunidade para ilustrar teorias psicanalíticas e promover análises mais profundas sobre esses temas.

### **Possíveis diálogos: luto, velhice e Up! Altas aventuras**

“Obrigada por essa bela aventura.  
Agora está na hora de viver uma nova.”  
—Up! Altas Aventuras, *Disney/Pixar*

Considerando então o que Catharin, Bocchi e Campos (2017) trazem acerca da figurabilidade freudiana e a possibilidade do sujeito se identificar com personagens fictícios, é possível utilizar o filme como ferramenta de discussão envolvendo questões do desenvolvimento, como os lutos reais e simbólicos presentes na velhice. Retomando os objetivos do trabalho, a partir da apresentação do filme e dos entrelaçamentos com a psicanálise, busca-se neste momento compreender o processo de desenvolvimento do personagem, o envelhecimento, as passagens pelo luto, e que fatores interferiram neste percurso.

A história de Carl está intimamente relacionada ao trabalho de luto, que, segundo Laplanche e Pontalis (2001), corresponde a um processo do enlutamento, que demanda uma postura ativa do indivíduo para sua elaboração, que pode ou não ser bem-sucedida e que precisa de novas conexões para acontecer. Em um recorte do filme a ser analisado, tem-se Carl com um comportamento de isolamento na casa em que viveu com a mulher, junto a objetos, afetos e histórias que o ligam à esposa que não está mais presente fisicamente. Compreendendo o luto como um processo significativo de perda, Freud (1917/2010) referia que, neste período, o Eu é absorvido e a energia psíquica, que antes estava concentrada no objeto de amor, encontra resistência em se redistribuir e passa, portanto, a se deslocar para uma imagem prolongada daquilo perdido na psique. Desse modo, entende-se que, embora Ellie não estivesse mais presente na casa, Carl continua a investir sua energia emocional nas lembranças e representações da companheira, utilizando-se de objetos e recordações como uma extensão dela. Assim, embora de maneira indireta, ele ainda mantém um vínculo com Ellie por meio desse investimento.

Com isso, Carl passa a desviar o investimento de energia do mundo exterior para as representações de sua companheira. A perda de Ellie faz com que ele sinta a necessidade de desinvestir a energia que antes era direcionada diretamente a ela. No entanto, esse processo de desligamento é gradual e demanda energia emocional, gerando dor e sofrimento (Oliveira & Lopes, 2008). Esta dor, segundo Nasio

(2010), é uma ruptura violenta no investimento libidinal que antes ligava o sujeito ao objeto de amor perdido, trazendo uma reação à perda do ser amado e o Eu inibido do mundo exterior, portanto, se ocupa em manter viva a representação mental do objeto perdido. Carl busca manter tal representação na casa em que viveu com Ellie, de modo algum querendo se desfazer do imóvel e em diversos momentos, menciona o nome da falecida esposa como se estivesse em uma conversa com ela.

Freud (1917/2010) traz duas formas de reação à perda: o luto e a melancolia. Enquanto o luto refere-se à elaboração da perda, ou seja, um processo necessário, apesar de doloroso, a melancolia já pode ser compreendida como uma perda patológica identificatória. Nesse sentido, a melancolia corresponderia a um processo do Eu em se identificar com o objeto perdido, o que impede o desenvolvimento do luto e intensifica a revolta pela perda do objeto. Com isso, o indivíduo identificado com o objeto pode se perder a ele (Rivera, 2012). Não há no filme a relação do tempo em que Carl ficou distanciado do mundo exterior, mas no final existe uma pista de que o que ele necessitava era a elaboração dessa perda e uma rede de apoio. As características que distanciam o estado de luto de um estado patológico estão ligadas ao investimento da libido nessa representação psíquica do objeto. Pois, Freud (1917/2010) pontua que, para a conclusão do trabalho do luto, a energia pulsional carregada de lembranças e expectativas outrora ligadas ao objeto passa a ser super investida, e posteriormente desligada, o que ocorre não de maneira rápida, mas paulatinamente.

Não se sabe o que de fato liga uma pessoa a outra, não é algo que se possa quantificar. Para Nasio (2010), a escolha do outro como objeto amoroso leva esse objeto externo à internalização, gerando o que o autor denomina de “sutura inconsciente”. Embora o objeto perdido seja finito, ele carrega um traço de infinitude, denominado por Lacan (conforme citado por Dunker, 2019) como Desejo. O Desejo não é nomeável e sua causa é contingente, isto é, singular para cada sujeito (Miller, 2011). Nesse sentido, não há como apontar, nomear, tampouco quantificar as energias pulsionais que

Carl depositava em Ellie, e embora no desenlace da narrativa a energia libidinal do personagem volte-se novamente ao exterior, há memórias e fantasias ligadas à perda que o acompanharão durante a vida. Novamente em consonância com a internalização discutida por Nasio (2010), essa ruptura sofrida por Carl rompe também o seu equilíbrio interno e gera uma dor psíquica denominada “dor de amar”, que impacta na constituição do tempo, do espaço e da identidade do eu.

Desse modo, devido à sua intensidade, é preciso ressaltar que o trabalho do luto não segue uma linearidade e demanda tempo para concluir-se, tendo como objetivo a proteção do psiquismo perante a perda (Kehl, 2009). Do mesmo modo, Dunker (2019) pontua que a temporalidade ocorre de maneira distinta para o enlutado. Na animação, observa-se que enquanto todo o espaço ao redor da casa de Carl se transformou, sua casa continua a mesma, com os objetos dispostos de igual modo desde que sua esposa faleceu. Nesse momento, observa-se na cena o contraste entre a casa do personagem e os prédios que estão sendo edificadas, que funciona como uma alegoria para o passar do tempo no luto.

O Eu, a instância absorvida e que se fecha para o mundo externo durante o processo de luto, não existe desde o início da vida, mas, para ser formado, passa pelas experiências do Narcisismo. Segundo Freud (1914/2010), o bebê, ao nascer, se enxerga de maneira fragmentada, e suas pulsões são desordenadas, visam satisfação autoeróticas. Posteriormente, o Eu ideal emerge a partir do olhar dos cuidadores, que terá papel de grande Outro para a constituição do sujeito, o que Freud (1914/2010) chama de Narcisismo Primário. Nesse período, o bebê se vê em um estado de completude e perfeição. A partir da castração simbólica, em que o indivíduo é inscrito no campo da falta, esse Eu ideal se mostra inalcançável, e a satisfação libidinal, antes voltada para o Eu, passa a ser investida também em objetos. Por não aceitar abandonar a satisfação outrora experimentada, busca-a por meio de um Ideal de Eu, formado pelos cuidadores, pelos educadores e pela sociedade, atrelados à consciência moral (Freud, 1914/2010). Essa concepção foi unida

posteriormente, à segunda tópica freudiana na noção de Superego (Freud, 1923/2011).

Em certo momento da narrativa, Russell conta a Carl que sente falta de tomar sorvete com seu pai, uma atividade que era carregada de significado para ele, simbolizando um momento de unidade e segurança compartilhada. Ele ainda menciona que o “mundo selvagem” parece diferente do que ele imaginava ao ler os livros, uma constatação que marca a transição de uma percepção idealizada para uma realidade que envolve frustrações. Esses relatos ilustram como, na infância, há uma experiência de onipotência narcísica, em que o sujeito ainda não enfrenta plenamente as limitações do mundo externo. No entanto, à medida que o tempo passa e o indivíduo confronta a realidade e a falta, o Eu é obrigado a lidar com as imperfeições da vida, refletindo o processo de desilusão do narcisismo infantil descrito por Freud (1914/2010).

A experiência da satisfação narcísica a partir de um ideal é chamada Narcisismo Secundário. O início da animação apresenta Carl, quando criança, assistindo a um filme de Charles Muntz, um explorador que havia voltado de sua viagem para o Paraíso das Cachoeiras, na América do Sul, de onde trouxe o esqueleto de um monstro que havia encontrado no território. Nesse episódio, Muntz, uma de suas figuras de identificação, na qual o garoto passa a ancorar a fantasia de viajar para o local, tendo o explorador como um ideal a ser seguido, fantasia essa que irá perdurar até a velhice. Carl conhece Ellie na infância, que logo lhe chama a atenção por compartilhar da mesma fantasia de viajar para o Paraíso das Cachoeiras, então, a garota passa a ser seu objeto de investimento amoroso. Na medida em que Ellie se encaixa no ideal e fantasia que Carl estima e admira, existe uma satisfação narcísica em ter o amor de Ellie de volta.

Freud (1914/2010, p. 20) dirá que “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar”. É então no ambiente externo e no outro, no amado, que a libido passa a ser investida no amor. Há um jogo de forças: quanto maior o investimento libidinal no objeto, menor o

investimento no Eu, rebaixando assim seu narcisismo, e vice-versa. “Alguém que ama perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la” (Freud, 1914/2010, p. 31). O sujeito, ao mesmo tempo em que, ao amar, tem seu narcisismo rebaixado, tem-no aumentado na medida em que seu objeto de amor o ama de volta, satisfazendo assim o seu Ideal de Eu. Segundo Nasio (2010), o amado então é eleito a partir de escolhas narcísicas. Se há uma satisfação narcísica ancorada na escolha do objeto de amor, a perda desse objeto é um ataque ao Eu que, não encontrando mais ligações com o mundo externo, na perda se fecha para que ocorra o trabalho de luto, como ocorre com Carl Fredricksen ao perder Ellie.

Entre as cenas que remetem ao passado do casal, há os episódios de expectativas quanto ao bebê que estavam esperando. Freud (1914/2010) remete à estima dos pais para com a criança como um retorno do narcisismo de ambos que fora abandonado. O casal, portanto, que investiu tempo, libido e expectativas em relação ao bebê, ligadas também a uma satisfação narcísica, teve de elaborar a perda dessa criança ocasionada pelo aborto espontâneo, a partir do trabalho de luto. Então, nota-se na vida de Carl perdas que não dizem respeito apenas ao mundo exterior, mas sim a perdas que acontecem no interior do Eu, devido ao investimento narcísico relacionado aos objetos.

Com isso, é possível considerar como parte do processo de luto a articulação com os lutos anteriores, com as perdas que dizem respeito ao próprio Eu. A perda de Ellie se articula com as outras perdas de Carl, como a perda do bebê, a perda de oportunidades, perdas cognitivas e biológicas decorrentes da velhice e a não realização de desejos que ele e Ellie tinham, é nessa perspectiva trazida pela animação, que se concorda com Dunker (2019) ao afirmar que no processo de luto, é preciso pensar, portanto, em tudo o que foi perdido naquilo que se perdeu. E esse processo de luto se torna ainda mais intenso quando se considera o conflito psicossocial proposto por Papalia, Olds e Feldman (2013), em que, em consonância com o estudo dos autores, Carl também sentiria angústia pelo o que não realizou durante a vida. Essa angústia da “não realização”

encontra forças no desejo de Carl que Ellie estivesse junto a ele na viagem para o Paraíso das Cachoeiras, mas em decorrência da inevitabilidade da morte, tal desejo não pôde se realizar com Ellie em vida.

Ainda no filme, Carl se encontra, após a morte de Ellie, morando sozinho na casa em que convivia com a esposa, enquanto ao seu redor estão ocorrendo aceleradas transformações. Em certo momento, em que ele agride um construtor da obra com sua bengala, após ter a sua caixa de correio derrubada, pode-se analisar uma situação em que as pessoas ao redor utilizam como argumento a velhice, além do ato agressivo, para deslegitimar Carl, tirá-lo de sua casa e afastá-lo da sociedade. Este trecho ilustra como se lida normalmente com a velhice, a partir dos estigmas sociais de estagnação citados por Piletti, Rossato e Rossato (2014), chegando a um ponto em que há uma desumanização da pessoa idosa, qualificando-a como alguém sem direitos absolutos e autonomia e que pode ter a sua vida decidida por desconhecidos, vista como quase que um objeto inerte.

Contudo, compreende-se que o desenvolvimento também ocorre na velhice e possui seu dinamismo. Erikson (1998) indica que entre os 40 e 65 anos de idade, o indivíduo encontra-se em um conflito, ou etapa, denominado “generatividade versus estagnação”. Neste momento, entende-se que há a necessidade de construção de um legado, para além das pessoas da família, que são ações e contribuições para as gerações seguintes. Tal legado se apresenta no filme, inicialmente, de maneira conflituosa entre as gerações de Carl e Russel. Carl, um senhor enlutado que tivera experiências como a de crescer, se apaixonar, casar, ganhar e perder um filho e perder a esposa, ora fechado para o mundo externo decorrente do trabalho de luto. Russell, um garoto entusiasmado e amante de aventuras que partilha do mesmo entusiasmo que Carl e sua falecida esposa compartilharam na infância, com o desejo de experienciar viagens e descobertas, aberto ao mundo externo. Posteriormente, com o desenvolver da narrativa, o legado e saberes do idoso relacionados às aventuras, sobre qual caminho a percorrer para chegarem ao “Paraíso das Cachoeiras” se juntaram ao dinamismo e ao impulso de Russell em explorar o mundo. Dessa maneira, o legado e a história de vida

de Carl agregam ao desejo de aventuras vivenciadas e idealizadas pelo jovem explorador, além da “Insígnia Ellie”, entregue pelo idoso na cena em que Russell se forma como “Explorador da Vida Selvagem Sênior”, aparece para significar esse legado transmitido ao garoto. Essa transmissão também se presentifica na atitude de Carl ao acompanhar o garoto em sua formatura e, ainda, em reviver os momentos que Russell vivia com seu pai e de que sentia falta: tomar sorvete enquanto contavam carros na rua.

Como último estágio do desenvolvimento, a partir dos 65 anos, o conflito que ocorre é o da integridade do Eu x desespero. Esse último estágio, segundo Erikson (1998), compõe um conflito que se baseia em um resgate do passado e no desafio de articular as angústias pendentes com o inevitável fim da vida. A pessoa idosa retoma seu passado, analisando seu desenvolvimento nos estágios anteriores, de forma que a vivência da velhice depende de como a pessoa viveu todos os outros períodos. Questões mal resolvidas e conteúdos reprimidos podem vir à tona e causar o que Erikson chama de “desespero”. Refletir sobre como o passado é irremediável não importa o que você faça, pode causar muito sofrimento. É essencial que essa pessoa idosa tenha desenvolvido bem a integridade de seu Eu para que não caia no desespero da angústia de seu passado, ou seja, que a pessoa tenha vivido sob uma boa qualidade de vida e tenha conseguido enfrentar as questões que colocavam em crise o seu Eu. A forma como a pessoa vai experimentar a velhice depende, além dos estágios anteriores, do apoio que ela recebe de seus familiares e de seu meio social.

Diante da perda da esposa, o protagonista no filme se defronta com o passado e com tudo aquilo que não realizou, tentando desesperadamente realizar seus sonhos antigos e se sentir, assim, mais próximo de sua esposa. Neste momento, tem-se uma aproximação com o “desespero” definido por Erickson (1998). Absorto pelo luto e fixado ao passado, Carl, ao longo do filme, só consegue afastar o desespero e aceitar o que aconteceu, com a presença de novas pessoas que o ajudaram a buscar novos significados para sua vida. Nesse sentido, o cachorro Dug, o pássaro Kevin e o garoto Russell, como rede de apoio, foram essenciais para que Carl pudesse

elaborar seu luto e depositar sua energia psíquica novamente no mundo exterior, a partir de novos laços sociais. Com isso, Carl também se aproxima da “integridade do Eu”. Essa perspectiva permite que o indivíduo possa elaborar suas angústias quando está próximo do fim da vida, o que possibilita um processo de envelhecimento com percepções mais positivas sobre o período (Erickson, 1998).

O vínculo de amizade construído com o garoto Russell se apresenta como elemento importante para a elaboração do luto de Carl, ideia exemplificada na cena em que ele se desfaz de seus antigos pertences ligados à sua casa e à sua falecida esposa, para que a estrutura fique mais leve e ele consiga voar com os balões. Nessa mesma cena, o idoso veste o colete de insígnias que Russell retirou em um momento de conflito da amizade dos personagens e parte em direção ao dirigível de Charles Muntz, a fim de salvar o menino e a ave Kevin. Nesse momento, Carl demonstra estar se abrindo novamente para o mundo externo, abandonando gradualmente as representações psíquicas ligadas à falecida esposa Ellie, que, segundo Freud (1917/2010), pontua, é voltar aos poucos a depositar a libido em outros objetos.

Ressalta-se que Erikson (conforme citado por Papalia, Olds & Feldman, 2013, p. 607):

concluiu que a integridade do ego resulta não somente da reflexão sobre o passado, mas de contínuos estímulos e desafios – quer por meio de atividade política, de programas de manutenção da boa forma, do trabalho criativo, quer pelos relacionamentos com os netos.

Sendo assim, Carl encontra caminhos para a elaboração de seu luto a partir do vínculo com os companheiros de viagem que podem se presentificar como uma metáfora para a importância dos vínculos na fase da velhice.

Vale salientar que as redes de vínculo e proteção da pessoa idosa são os familiares, amigos e sociedade como um todo, mas também, a proteção e garantias de direitos da pessoa idosa é dever do Estado, conforme apontado na Lei de nº 14.423.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar à pessoa idosa, com absoluta prioridade,

a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (Lei nº 14.423, 2022).

Além disso, apesar das dificuldades que são inerentes a este momento da vida, em uma análise reflexiva sobre o filme apresentado, a velhice também se apresenta como uma experiência de grande revelação para a pessoa idosa. A partir do filme, nota-se que ao mesmo tempo em que há o estigma da estagnação na velhice por parte da sociedade, Carl aparece para contrariar tais concepções cristalizadas e ao invés de aceitar o asilamento e a venda de sua casa, toma a atitude de explorar um novo lugar, vincular-se com outras pessoas e ressignificar suas perdas. Sendo elas tanto a perda da esposa, a perda da casa, quanto a perda de ideais ao perceber que Muntz, seu grande herói de infância, era na realidade um caçador cruel. Neste ponto, é preciso compreender que o indivíduo continua o seu processo de desenvolvimento e, assim, pode investir a sua energia psíquica em novas atividades e em novos objetos, podendo dar um novo sentido à sua vida (Piletti, Rossato e Rossato, 2014).

## Conclusão

Diante das análises supracitadas, vale salientar que a Velhice é uma etapa do desenvolvimento humano que carrega um estigma negativo de uma fase cercada por diversas perdas, exigindo do idoso a elaboração de diversos lutos. No entanto, a partir da análise fílmica foi possível constatar o quanto esta fase também pode representar uma possibilidade de desenvolvimento, aprendizado, significado e significações.

Em relação aos pontos que foram levantados, com a análise fílmica, analisou-se que o personagem Carl Fredricksen, além de vivenciar a perda da pessoa amada, no caso Ellie, também passou pela perda de sua autonomia e identidade, sobretudo a partir do momento em que recebe a notícia de que precisaria deixar sua casa e passar a residir num asilo. Essa cena, retratada de maneira

lúdica, faz alusão ao cotidiano de diversos idosos que passam a ser vistos pela sociedade como pessoas que não são mais capazes de tomar decisões, de maneira que os outros são aqueles que decidem pelo idoso e esperam uma passividade do idoso, que é percebido como alguém que não tem condições de avaliar o próprio futuro.

Retomando os objetivos deste trabalho, pode-se concluir que foi possível realizar a análise do filme a partir da perspectiva da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise, enfocando questões como o envelhecimento e o luto. Também se verifica quais são os fatores que interferem na possibilidade de enfrentamento deste período. Além disso, considera-se que foi possível demarcar o quanto a velhice é um período de desenvolvimento e, portanto, passível de transformações positivas.

Apesar dos pontos alcançados neste estudo, reconhece-se as limitações do trabalho. Entende-se que a análise fílmica corresponde a uma possibilidade de análise mais restrita, embora possa ser articulada com a teoria. Deste modo, enfatiza-se a importância do desenvolvimento de pesquisas que foquem no processo de envelhecimento, podendo assim criar novas perspectivas sobre esse estágio da vida, desmistificando os estigmas e elevando as potencialidades da pessoa idosa.

Por fim, sugere-se a realização de pesquisas que utilizem outros métodos de investigação. Entende-se que as entrevistas com idosos para analisar o processo de envelhecimento, bem como a análise do processo de luto em diferentes faixas etárias, poderão auxiliar na compreensão da velhice e do luto e suas especificidades. Assim, propostas de intervenção poderão ser planejadas e executadas considerando as demandas reais do público-alvo, o que pode levar a um aumento na efetividade das estratégias utilizadas.

## Referências

- Andrade, C. D. de (2012). *Sentimento do mundo*. Companhia das Letras.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Campos, D. A. M., & Leão, M. A. G. (2021). Eventos críticos na pré-aposentadoria: foco nas estratégias de enfrentamento. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(1), 536–547. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n1-047>.
- Castilho, G. (2012). Psicanálise e velhice: o “idoso” é obsoleto? *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 4(1), 48-58. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912012000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912012000100006&lng=pt&tlng=pt).
- Catharin, V., Bocchi, J. C., & Campos, E. B. V. (2017). Psicanálise e cinema: o ser humano como um ser cinematográfico. *Ide (São Paulo)*, 40(64), 143-157. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010131062017000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131062017000200012&lng=pt&nrm=iso).
- Docter, P. (Diretor). (2009). *Up: Altas Aventuras* [Filme]. Disney/Pixar.
- Dunker, C. I. L. (2019). Teoria do luto em psicanálise. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 8(2), 28-42. Recuperado de <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/226/154>.
- Erikson, E. H. (1998). *O ciclo de vida completo*. Artes Médicas.
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. de Souza, Trad., pp. 13-50). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. de Souza, Trad., pp. 170-194). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2011). O eu e o id. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. de Souza, Trad., pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).

- Fochesatto, W. P. F. (2018). Reflexões sobre o envelhecer: A clínica com idosos e a escuta psicanalítica em um serviço de pesquisa. *Estudos de Psicanálise*, (50), 155-160. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010034372018000200017&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372018000200017&lng=pt&tlng=pt)
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. Boitempo.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (4ª ed. P. Tamen, Trad.). Martins Fontes.
- Lei nº 14.423, de 22 de julho de 2022. (2022, julho 22). *Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, para substituir, em toda a Lei, as expressões "idoso" e "idosos" pelas expressões "pessoa idosa" e "pessoas idosas", respectivamente*. Presidência da República. Recuperado de <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2022/lei-14423-22-julho-2022-793034-publicacaooriginal-165796-pl.html>
- Miller, J-A. (2011). *Perspectivas dos "Escritos" e "Outros escritos" de Lacan: Entre desejo e gozo*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Nasio, J. -D. (2010). *O livro da dor e do amor*. Zahar.
- Oliveira, J. B. A. de, & Lopes, R. G. de C. (2008). O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 217-221. <https://doi.org/10.1590/S141373722008000200003>
- Organização Mundial da Saúde - OMS (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Organização Panamericana de Saúde.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano* (7ª ed.). Artes Médicas.
- Piletti, N., Rossato, S. M., & Rossato, G. (2014). *Psicologia do Desenvolvimento*. Contexto.
- Rivera, T. (2012). Luta e melancolia, de Freud, Sigmund. *Novos Estudos CEBRAP*, 94, 231-237. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002012000300016>